

A Teoria Social de Freud e a Sociologia Processual de Norbert Elias: Uma Relação Rizomática.

Avanço de Investigação em Curso.

GT 31- Teoria Social Contemporânea

Francisco Daniel Iris Goiana
Antônio Cristian Saraiva Paiva

Resumo:

Esse trabalho aborda a relação interdisciplinar entre Sociologia e Psicanálise. A seguinte proposta objetiva estudar a influência da Psicanálise Freudiana sobre a Sociologia Eliasiana. Vemos a obra de Norbert Elias baseada na interdisciplinaridade. O autor usa a História, a Literatura, a Filosofia e, esse nosso principal ponto, a Psicanálise.

Na leitura da obra Eliasiana encontramos conceitos Freudianos, como Repressão das Pulsões, Instintos. Esses conceitos são essenciais para a construção de sua Sociologia. Usando Freud, Elias buscava, em sua obra, uma produção teórica que admitisse a tensão entre Eu e o Outro; Repressão Social e Autocontrole. Esses conceitos Freudianos são usados por Elias como se fossem sociológicos e Elias têm Freud como um aliado, para a formação de sua teoria.

Palavras-Chave: Autocontrole, Civilização, Pulsões.

1. Introdução

Este trabalho se insere em um campo de estudos interdisciplinares, nos quais se articulam interesse por questões da Teoria Sociológica e da Teoria Psicanalítica. Aqui tomamos por investigação a relação existente entre as obras de Sigmund Freud e Norbert Elias. A relação que podemos evocar entre esses dois autores se dá, principalmente, pelo fato de os dois, cada um ao seu modo, buscarem explicações para a Sociedade humana.

Norbert Elias, na constituição de sua teoria sociológica, principalmente na sua ‘Sociologia Processual’ soube usar de várias vertentes do conhecimento, dentre elas a Psicanálise. Mesmo porque, o processo civilizatório é interdisciplinar, é um fenômeno ao mesmo tempo histórico, social, político, antropológico/cultural e psíquico.

Outro motivo que nos levou a essa pesquisa é a relação existente entre Psicanálise e Sociologia. Na literatura freudiana, também encontramos uma série de textos que vão além da clínica. Esses textos ditos ‘sociais’, nos trazem uma chave de leitura do pensamento freudiano, pois neles vemos Freud como pensador da Sociedade e da Cultura. Logicamente que Freud não usa de uma metodologia peculiar a Sociologia para discutir esses assuntos, porém, partindo da clínica, Freud encontrou, na sua vasta obra, espaço para discutir sobre a Sociedade e temas essenciais à Sociologia como: a Civilização, o mal-estar resultante do processo civilizacional, a origem do Laço Social, a Religião, a formação dos Grupos Sociais.

Poderíamos ter analisado a obra freudiana em relação com outros autores da Sociologia. Mas por que Norbert Elias? Escolhemos Elias, porque a influência de Freud é bem mais visível, em suas obras. Outro motivo é que a Sociologia eliasiana é uma teoria de ruptura. Elias modificou o modo de percepção de conceitos basilares da Sociologia (me refiro aqui a relação Indivíduo e Sociedade),

analisou a Sociologia de uma forma interdisciplinar, tendo auxílio da História, da Psicanálise. Elias e Freud foram pensadores, que cada um em seu tempo, modificou o pensamento nas ciências humanas.

2. A Sociologia Processual de Norbert Elias e seu encontro com a Psicanálise Freudiana

2.1. Civilização na obra de Freud

A conceituação feita por Freud em sua obra diz que o desenvolvimento histórico da Civilização ocorre interligado ao desenvolvimento psíquico do Indivíduo. Para Freud a Civilização é uma conquista da humanidade, é o ponto máximo do desenvolvimento do Indivíduo.

A ideia de Freud é do “desenvolvimento cultural como um processo peculiar, comparável à maturação normal do indivíduo” e coloca uma questão que também é basilar na construção de “*O Processo Civilizador*”, de Elias: “(...) perguntando-nos acerca das influências a que esta evolução cultural deve sua origem, como nasceu e o que determinou seu curso”¹.

Em “*O Mal Estar na Civilização*” (FREUD, 1930), vemos no pensamento de Freud, que ele se baseia no paradigma antitético da relação entre Civilização e impulsos. A Civilização é posta nessa obra como uma manifestação direta das pulsões, é produto da vontade de Eros. Freud propõe a ideia de que a psique e o social são interligados em suas raízes, sendo o mundo social em si o resultado de suas afinidades e a Civilização, o nível mais alto “psiquismo”.

A Civilização é o resultado de um conflito entre a natureza humana e processo civilizatório. É baseada em renúncias. Desde seu nascimento, o sujeito, é habitado por exigências pulsionais, e na infância, a criança renuncia seus desejos, por meio do interdito do incesto. Na vida adulta deve renunciar aos seus desejos, pois eles se chocam com questões culturais da sociedade. A Repressão das pulsões não significa o fim dos desejos nos sujeitos. Não representa também que a negociação entre natureza e a cultura esteja encerrada. Esse conflito é permanente.

O processo civilizacional em Freud segue o caminho de uma coerção externa seguida de uma internalização da repressão às pulsões. Há em “*O Mal-Estar na Civilização*”, uma preocupação de Freud em relação à sociabilidade dos Indivíduos, pois existe uma “(...) hostilidade primária entre os homens”, estando então à sociedade “(...) permanentemente ameaçada de desintegração”². Os mecanismos civilizacionais e suas consequências são necessários, pois segundo Freud “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização” e dessa forma “civilização, portanto, tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa.”³ A “hostilidade entre os homens”, são representações da pulsão de morte e devem ser combatidas pelo processo civilizacional. Se olharmos numa perspectiva política, a própria ideia da formação do Estado é válida, haja vista que ele é quem, através de sua normatização e legislação inflige ao sujeito uma primeira coeção externa⁴. O Estado, assim defende-se do caos ameaçador de seus membros.

A necessidade gregária para a existência de cada Indivíduo faz com que esses criem normas e regras sociais e que essas evoluam a partir de um processo civilizacional baseado na repressão libidinal e que se desenvolveu em séculos, como nos mostra Elias, na sua *Magnus Opum* “*O Processo Civilizador*”.

Freud mostra que esse processo “é [...] especial que se desenrola na humanidade, e nós continuamos sob o influxo dessa ideia”⁵

Entendemos então que para Freud, a partir da sua segunda teoria das pulsões que a ordem social é vista como dominante na sua relação com a psique, e impõe seus próprios mecanismos de controle social sobre ela.

As medidas tomadas em prol da civilização, para Freud revelam a interação entre o social e a libido e que assumem a forma de “grupo de características que conhecemos como parcimônia, sentido da ordem e limpeza”⁶.

A repressão à libido, à agressividade, e aos desejos é tão forte que passa de uma coerção externa para uma internalização das normas que acarretam essa repressão. Essa internalização, para Freud, ocorre com a formação do ‘Supereu’⁶. A Civilização, para ter seus ideais respondidos, reprime, sublima, desejos instintivos e prazeres. A formação do Supereu resulta na internalização de um código moral civilizado. O supereu transforma aquilo que poderia prejudicar o processo civilizatório, em meios pró-civilização. Transforma o sujeito em social e moral, em sujeito civilizado. Seu desenvolvimento se torna parâmetro de avaliação do processo civilizacional. Quanto mais desenvolvido o Supereu, mais o sujeito é civilizado. Ele funciona de acordo com a sociedade em que está inserido. O Supereu⁷ é resultado de uma ordem social imposta à anarquia instintiva antissocial.

A inibição dessas pulsões tem duas consequências. A primeira, é que ela é basilar para a formação da Civilização. Já foi dito que a Civilização é resultado da repressão das pulsões, haja vista que elas não se encaixariam nos ideais da civilização. A segunda é que nem todos os sujeitos se adaptariam a isso, causando assim uma sensação de mal-estar, e o surgimento da doença nervosa.

2.2. Freud e Elias: Uma relação rizomática.

A questão da repressão, como condicional para o processo civilizacional, também foi abordada pelo sociólogo alemão Norbert Elias. Ele faz o uso de alguns textos e conceitos freudianos, principalmente relacionados à Segunda Tópica (teoria das pulsões, Eu, Supereu e Isso), para a constituição de sua Sociologia Processual.

O que Elias faz, na esteira de Freud, são análises psicossociais e conseqüentemente a elaboração de teorias sobre a relação entre as realidades psíquicas e sociais. Elias expõe um tipo de Sociologia psicologicamente influenciada, presente não só em “*O Processo Civilizador*”, mas em quase toda sua obra. O que Elias pretende com essa obra é encontrar uma maneira de comprovar suas noções sobre a historicidade da psique humana e fazer uma crítica a uma Psicologia a-histórica, então vigente nas principais universidades alemãs, em sua época. Nas palavras de Elias:

“Comecei então meu livro intitulado “O Processo Civilizador” tendo perfeita consciência de que constituía um ataque implícito contra a onda de estudos acerca das mentalidades e dos comportamentos feitos pelos psicólogos da época. Pois os psicólogos acadêmicos — e não os freudianos — acreditavam firmemente que devia existir uma pessoa diante de si, aqui e agora, cuja mentalidade era preciso avaliar através de formulários ou outros métodos quantitativos para ser capaz de dizer algo de incontestável. Utilizando esse método, é claro que é absolutamente impossível perceber as normas atuais como resultado de um devir. Eles faziam sempre como se fossem capazes, graças aos resultados de testes aplicados em pessoas de hoje, de tirar conclusões sobre os homens em geral”. (ELIAS, 2001, pp 63-64)

Quando Elias escreveu “*O Processo Civilizador*” se utilizou de textos de boa conduta, de civilidade, escritos no século XVI. Nesse sentido claramente tentando demonstrar que um dos caminhos para se adquirir modos civilizados era a educação, que por meio da transmissão de valores, de conhecimento, de informação e de cultura, auxiliaria na formação dos Indivíduos, fazendo com que esses se comportassem segundo padrões de conduta social estabelecidos, incorporados na vida cotidiana. O resultado disso seria a formação do que Elias chama de ‘segunda natureza’, ou o mesmo que Freud descreve em sua teoria como sendo o ‘Supereu’ do Sujeito, o mecanismo interno de autocontrole das emoções e dos instintos.

Sendo a Sociologia Eliásiana um esforço de analisar a relação entre Indivíduo e a Sociedade, ele utiliza-se, para discutir essa dicotomia, de uma Sociologia-histórica desses dois conceitos. Haja vista que para Elias Indivíduo e Sociedade são distinções conceituais, e que não há Indivíduo sem

Sociedade, nem Sociedade sem Indivíduos, e são conceitos que surgem historicamente estando escrita em determinadas práticas sociais e linguísticas surgidas no decorrer da história.

A vida acadêmica de Elias começou, no início dos anos de 1920, como estudante de Filosofia na Universidade de Breslau, sua cidade natal. Sua tese orientada pelo professor Richard Höngswald, um neo-kantiano. Elias começou sua tese como um kantiano, mas no decorrer de seus estudos, passou a questionar os preceitos de seu orientador e apresentou uma tese em que argumentou que as categorias mentais são produtos históricos de desenvolvimento intelectual a longo prazo, o que desagradou Höngswald, que não aceitou a tese de Elias:

Minhas relações com meu venerado professor Richard Honigswald, que foi também meu orientador de tese, foram rompidas com uma desavença profunda e definitiva. Durante as pesquisas que eu fazia para minha tese de doutorado, havia me convencido — através de penosos conflitos comigo mesmo — de que aquela coisa do *a priori* não era exata. Não me era mais possível ignorar que o que Kant considerava como atemporal e como dado antes de qualquer experiência — fosse o conceito do vínculo de causalidade, o do tempo ou o das leis naturais e/ou morais - deve ser aprendido, ao mesmo tempo em que os termos correspondentes, por intermédio de outros homens para poder estar presente na consciência de cada indivíduo. Isso é um saber adquirido, que, como tal, pertence, portanto ao patrimônio de experiências do homem. (ELIAS, 2001, p.101)

Já no início de sua carreira acadêmica, Elias propõe o que seria a base de seu pensamento, até seus últimos escritos, seus últimos dias de vida, que é comprovar a historicidade da mente humana. Essa ‘missão’, o acompanhou desde os anos de Filosofia, como vimos e continuara quando ele trocar esta pela Sociologia.

“*O Processo Civilizador*” é a prova maior dada por Norbert Elias, para comprovar essa historicidade da mente humana. Uma tentativa de documentar essa percepção em uma escrita acadêmica, modificando a Sociologia, Ciência a qual ele tinha aderido recentemente. Com isso Elias desafiou a ortodoxia acadêmica, principalmente as ortodoxias sobre a natureza da mente humana.

No período em que escreve “*O Processo Civilizador*”, devemos lembrar que foi um período atribulado na vida de Elias. Com quase 40 anos Elias era um “*outsider*” do mundo acadêmico, em exílio da vida acadêmica alemã depois que os nazistas assumiram o poder, e sem nenhuma perspectiva na Inglaterra, pátria que havia escolhido para o exílio. Seus pais ainda sendo perseguidos na Alemanha. Tudo isso talvez implicasse uma série de danos mentais a Elias. “Sofria por não conseguir produzir tudo tendo muitas ideias.”⁸

Nos dias em Londres, enclausurado na Biblioteca do Museu Britânico, repleta de manuais sobre comportamento e tratados de civilidade. Escritos como o “*Nouveau Traité de Civilité*”, de Antonie de Courtin; ou o “*De Civilitate Morum Puerilium*”, de Erasmo de Roterdã. Em suma, Elias estava no paraíso, repleto de obras que o ajudariam a fundamentar metodologicamente seu livro. A análise psicológica que Elias queria fazer dessas obras, não era aceita pela ortodoxia acadêmica da época, já que essa não acreditava na historicidade da psique humana.

Elias, apoiado nas ideias freudianas, não se põe apenas contra a Psicologia acadêmica, mas uma oposição mais ampla a todas as teorias a-históricas da psique humana. Mas a tarefa de Elias era difícil, haja vista que a hegemonia sócio-científica não aceitava a historicidade da psique humana, e impediu Elias de incorporar sua versão historicizada em seus primeiros escritos.⁹

Quando Elias coloca “*O Processo Civilizador*” como uma crítica a Psicologia acadêmica, uma disciplina institucionalmente organizada de conhecimento acadêmico e faz exceção à psicologia Freudiana, se coloca ao lado desta para construir sua crítica. Elias abraça a Psicanálise freudiana, para a constituição de sua Sociologia Processual, pois essa garantiria a Elias, uma perspectiva sobre a psique

humana que a psicologia acadêmica não lhe dava. Elias é responsável por uma complexa integração, na esteira de Freud, da psicologia ao processo civilizatório. A questão agora é: Como e quando Elias passou a ser um leitor de Freud?

Acreditamos que essa aproximação de Elias com a Psicanálise Freudiana se dá principalmente quando o autor passa a ter contato com os pensadores da ‘Escola de Frankfurt’, nos anos de 1930, quando Elias se mudou para a Universidade de Frankfurt, para trabalhar com Karl Mannheim e onde encontrou outros pensadores que estavam interessados em outras formas de Psicologia, principalmente a Psicanálise, diferente das psicologias dominantes nas outras universidades alemãs.¹⁰

É possível que o interesse de Elias e dos frankfurtianos pela obra de Freud, se deu em consequência ao grande sucesso que “*O Mal Estar na Civilização*”, recebeu seguido a sua publicação em 1930. Ao mesmo tempo a Universidade de Frankfurt abrigava o departamento de Sociologia coordenada por Karl Mannheim, o Instituto de Psicanálise e o Instituto de Pesquisa Social, o grupo da ‘Teoria Crítica’ que à época era dirigida por Max Horkheimer. Esses foram os primeiros a defender a integração da Psicanálise à análise social. Em Frankfurt, Elias encontrou pessoas que assim como ele buscavam o estudo e uso de psicologias alternativas, principalmente a Psicanálise.

Mas, apesar de as teorias de psicanálise freudiana terem tido um forte impacto formativo sobre seu pensamento, como o próprio Elias propõe “(...) sempre achei que era preciso desenvolver a teoria que Freud nos legou” (ELIAS, 2001, p. 79), Elias só usará essa nova fonte de conhecimento a partir de “*O Processo Civilizador*”. Sua habilitação de 1933, que tratava acerca da Corte de Luís XIV, não contém indício de uma abordagem psicanalítica, nem referências a Sigmund Freud. Só com a descoberta dos livros de conduta, e consequentemente com a escrita de “*O Processo Civilizador*” é que Elias começa a usar a Psicanálise freudiana.

Quando Elias “trocou” a Filosofia pela Sociologia, percebeu que essa havia sido influenciada por essa visão a-histórica da psique humana proposta por essa psicologia acadêmica que Elias passou a combater.

A intenção de Elias com “*O Processo Civilizador*” é romper com o isolamento das ciências. Propunha uma fusão interdisciplinar de métodos e abordagens: históricas (quando analisa numa perspectiva de longo prazo), sociológicas (o desenvolvimento das estruturas sociais) e psicológicas (desenvolvimento das estruturas da personalidade), criar uma Ciência Social híbrida. Com relação ao isolamento das disciplinas e o entendimento do processo civilizacional Elias nos diz:

“Serão necessárias a reflexão de muitas pessoas e a cooperação de diferentes ramos do conhecimento, hoje frequentemente divididos por barreiras artificiais, para que gradualmente sejam respondidas as questões levantadas no curso deste estudo. Dizem elas respeito à psicologia, filologia, etnologia e antropologia, não menos que a sociologia ou aos diferentes ramos da pesquisa histórica.” (ELIAS, 1939 [2011b], p. 18)

O que Elias quer, é romper as fronteiras disciplinares acadêmicas, que dividem as várias manifestações dos seres sociais em campos de estudos isolados dificultando assim o próprio conhecimento acerca do ser humano.

Esse caminho metodológico resulta na combinação de dois tipos distintos de investigação: Psicogênese (o estudo da evolução histórica da psique) e a Sociogênese (o estudo da evolução histórica da sociedade). Freud havia dito em suas obras escritas a partir da década de 1920, sobre a Civilização (“*O Futuro de uma Ilusão*”, 1927 e “*O Mal-Estar na Civilização*”, 1930), que o processo civilizacional se dá simetricamente com o amadurecimento do Indivíduo, Elias coloca as ideias, e talvez a maior e mais complexa contribuição de Elias à Sociologia, de Psicogênese e Sociogênese. O processo de Civilização postulado por Elias baseia-se na defesa de que toda e qualquer transformação ocorrida na

estrutura da personalidade do ser individual (Psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o Indivíduo está inserido. Da mesma forma, as diversas transformações que ocorrem constantemente nas estruturas da sociedade (Sociogênese), especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidade dos seres individuais que as compõem. O desenvolvimento da psique histórica do ser humano está simetricamente ligado ao desenvolvimento sócio-político dos períodos históricos correspondentes. Uma concepção psicossocial do sujeito, onde psique e social interagem, assim como em Freud.

Em Elias, assim como para Freud, os padrões de comportamento durante o processo civilizatório estão ligados a um controle externo dos impulsos corporais, posteriormente a autorregulação e por fim a internalização das normas repressivas da 'Civilização', que era forçada sobre a psique dos sujeitos na forma do superego internalizado, baseado em sentimentos como o constrangimento, a vergonha. Os padrões de controle emocional são socialmente determinados, mudando toda a estrutura dos afetos.

Na psique civilizada, as pulsões, os afetos são, nas palavras de Elias: “confinados”, “domados”, “refinados”, “reprimidos”, “contidos”, “transformados” (“sublimados” na linguagem freudiana). Foram colocados em uma clandestinidade psíquica, onde se escondem nos sonhos, nos desejos.

A "Estrutura social" em Elias é um padrão de pressões exercidas sobre os sujeitos em suas relações intersubjetivas, onde eles são funcionalmente dependentes direta ou indiretamente entre si.

“O padrão de uma relação, diz-nos uma voz interna, deve ser explicado pela estrutura e pelas leis dos objetos perceptíveis que se relacionam dentro dela” (ELIAS, 1987 [2011], p.23)

Na medida em que aumenta o autocontrole, mais civilizada se torna a psique, Em termos freudianos, o autocontrole nomeia as autorregulações racionalizadas do “eu”.

Elias divide a psique humana em duas partes: uma parte social, baseada nas restrições psico-sociais e uma parte não social, inata. Para Elias as pulsões são modificadas nas relações sociais, assim como a segunda teoria das pulsões de Freud, e que mais importante para a conduta humana é o controle dessas pulsões:

“As energias da libido que encontramos em todos os seres humanos já foram socialmente processadas, foram, em outras palavras, transformadas sociogeneticamente em sua função e estrutura e de maneira alguma, podem ser separadas das correspondentes estruturas do ego e do superego. Os níveis mais animais e automáticos da personalidade do homem não são nem mais nem menos importantes para a compreensão da conduta humana do que seus controles. O que importa o que determina a conduta, são os equilíbrios e conflitos entre as pulsões maleáveis e os controles construídos sobre as pulsões”. (ELIAS, 1939 [2011b], p. 237).

O autocontrole, segundo Elias, é a base do processo civilizacional: “O processo de civilização está relacionado à auto regulação adquirida, imperativa para a sobrevivência do ser humano. Sem ela, as pessoas ficariam irremediavelmente sujeitas aos altos e baixos das próprias pulsões, paixões e emoções, que exigiriam satisfação imediata e causariam dor caso não fossem saciadas.” (ELIAS, 2002, p. 37)

Desde a infância e durante sua vida o indivíduo aprende a exercer o autocontrole em eventos intersubjetivos. Esse autocontrole são controles internalizados que esses indivíduos exercem sobre suas pulsões e sentimentos. O aumento do autocontrole das emoções, dos sentimentos teve como consequência a diminuição na espontaneidade das ações e na demonstração pública de sentimentos.

Este autocontrole está tão arraigado que doma as pulsões (ou numa perspectiva freudiana, os ‘sublima’), devido as inumeráveis regras e proibições que baseiam esse autocontrole.

No Processo Civilizatório, segundo Elias o indivíduo que cresce na lógica da modernidade teve que usar ferramentas mentais para conseguir se estabelecer no modelo de conduta proposto. A principal dessas ferramentas é o autocontrole.

A estabilidade peculiar do aparato de autocontrole mental que emerge como traço decisivo, embutido nos hábitos de todo ser humano “civilizado”, mantém a relação mais estreita possível com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade. Só com a formação desse tipo relativamente estável de monopólios e que as sociedades adquirem realmente essas características, em decorrência das quais os indivíduos que as compõem sintonizam-se, desde a infância, com um padrão altamente regulado e diferenciado de autocontrole; só em combinação com tais monopólios é que esse tipo de autolimitação requer um grau mais elevado de automatismo, e se torna uma "segunda natureza" (ELIAS, 1939, [2011], p. 197).

Segundo Elias, numa perspectiva muito semelhante a Freud nas suas proposições em “*O Mal-Estar na Civilização*”:

“Essa luta semiautomática da pessoa consigo mesma nem sempre tem uma solução feliz, nem sempre a autotransformação requerida pela vida em sociedade leva a um novo equilíbrio entre satisfação e controle de emoções. Frequentemente, fica sujeita a grandes ou pequenas perturbações -, à revolta de uma parte da pessoa contra a outra, ou a uma atrofia permanente - que torna o desempenho das funções sociais ainda mais difícil, se não impossível. As oscilações verticais, os saltos do medo à alegria, do prazer ao remorso, se reduzem, ao mesmo tempo em que a fissura horizontal que corre de lado a outro da pessoa, a tensão entre o "superego" e o "inconsciente" - os anelos e desejos que não podem ser lembrados - aumentam”. (ELIAS, 1939, [2011b], p. 203)

A psique como mediadora da relação corpo e sociedade, transforma parcialmente o processo natural e a demanda social. Segundo Elias, quando as funções corporais interagem com as funções sociais, essa interação é mediada por funções psíquicas, mecanismos psicodinâmicos e estruturas psíquicas.

Se as pulsões são socialmente processadas, é isso que contribui para o funcionamento tanto da sociedade como um todo como dos seus diversos membros.

As pulsões sendo parte de uma dinâmica social, intermediam as relações entre os sujeitos. Na letra Eliasiana:

“Até na literatura psicanalítica se encontra, às vezes, afirmações de que os instintos ou o “id” seriam imutáveis *se desconsiderada as mudanças de sua direção*. Mas como é possível desconsiderar esse direcionamento em algo tão fundamentalmente *dirigido* para outra coisa quanto os instintos humanos? O que chamamos de “instintos” ou “inconsciente” constitui também uma forma específica de auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas (...) Aquilo a que nos referimos como “alma”, ou como pertinente à “psique”, não é outra coisa, na realidade, senão a estrutura formada por essas funções relacionais. O ser humano não é, como faz parecer uma certa forma histórica de autoconsciência humana, simplesmente um continente fechado, com vários compartimentos e órgãos, um ser que, para começo de conversa, em sua organização natural, nada tem a ver com outras coisas e seres, mas é organizado por natureza, como parte de um mundo maior. Em certo sentido ele é um vetor que dirige continuamente valências¹¹ dos mais diferentes tipos para outras pessoas e coisas valências estas que se saturam temporariamente e sempre voltam a ficar insaturadas. Por natureza, ele é feito de maneira a poder e

necessitar estabelecer relações com outras pessoas e coisas.” (ELIAS, 1987 [2011], p. 37)

As emoções que baseiam o processo civilizatório como ansiedade, delicadeza, constrangimento, vergonha, medo, repugnância, estão ligadas as relações dos sujeitos em si e como os outros. Esses sentimentos fazem com que os sujeitos ajustem seu comportamento, para superar as ameaças do mundo externo. (no mesmo sentido de Freud, em “*O Mal Estar na Civilização*”) Esse ajuste cria novos padrões, que se acumulam e resultam na transformação do comportamento.

O medo, como já havia mostrado Freud, também Hobbes, quando fala da criação do Estado¹², e o próprio Elias quando fala da ‘Sociogênese do Estado’, no segundo volume de “*O Processo Civilizador*”, desempenha um papel crucial na mudança civilizacional.

O medo de ataques da natureza ou de outros homens, “(...) o medo da guerra e o medo de Deus, o medo que o homem sente de si mesmo, de ser dominado pelos seus próprios impulsos afetivos (...)” (ELIAS, 1939 [2011], p. 270).

As implicações psicossociais do medo em Elias são amplas: com o medo, que é gerado pelas interações sociais, obriga os seres humanos a regular suas emoções e impulsos e leva a psique a tornar-se socializada, assumindo, assim, características socio-historicas. O medo induz o indivíduo a controlar sua conduta.

A fonte do medo é a violência. “*O Processo Civilizador*” é um livro que está baseado na violência, seja a violência cavaleiresca feudal, a violência da formação do Estado ou a violência monopolizada na mão do Estado, essa última como sendo essencial para a o processo civilizatório, haja vista que esse processo implica numa diminuição do medo, que seria originado da diminuição da violência. Essa diminuição só ocorreria se a violência fosse destinada apenas ao Estado³⁸ e estivesse proibida ao restante da população. Ou seja, para o processo civilizacional ocorrer, não é necessário o fim da violência, mas a sua transformação, e essa violência civilizada detem papel importante na determinação da vida social e psíquica.

Para Elias, a formação do estado dita os avanços do processo civilizatório em uma série de fatores, mas, principalmente, do fato de esse estado é quem deve monopólio dos meios de violência física em seu território. O monopólio da violência pelo Estado serve como um controle da vida cotidiana dos cidadãos.

Consequentemente esse controle leva a transformação da estrutura psíquica, fazendo com que o sujeito mantenha em si mesmo agências de autocontrole. Elias percebe a transformação histórica da psique no processo civilizatório, como a internalização do sentimento de medo, que vem condicionado pela violência e os perigos que ameaçam o bem-estar do indivíduo.

Na teoria Eliasiana, podemos perceber uma utilização não hierarquizada dos saberes sociológicos, históricos e psicanalíticos. Nessa utilização os objetos fundamentais são o Indivíduo e a Sociedade. A teoria psicanalítica é mais visível em Elias quando ele vai fundamentar o processo civilizador, sendo esse um processo que tem como base tanto para Freud como para Elias, a repressão das pulsões (recalque) e o autocontrole. A teoria freudiana vai ser usada por Elias, em sua construção teórica do que é o Indivíduo/Sujeito.

A Sociologia eliasiana é pautada na estrutura das sociedades, nas relações reais, nas dependências e interações que existem entre as pessoas. Isso numa perspectiva que engloba também aspectos históricos e psíquicos. Em Elias as relações sociais são arranjos hierárquicos de poder e status, arranjos que favorecem alguns sujeitos e grupos em detrimento de outros. Elias tem em sua Sociologia uma alta dívida com a teoria freudiana. Todo projeto Eliasiano tem por base que as estruturas dos constrangimentos, compulsões e controles estão intimamente ligados às mudanças nas relações sociais.

3. Bibliografia

Obras de Norbert Elias

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos* (1987). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011

ELIAS, Norbert. *Au-delà de Freud – Sociologie, Psychologie, Psychanalyse*. Paris: Éditions la Découvert, 2010.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert. *La Civilización de los Padres y Otros Ensayos*. Santa Fé de Bogotá: Editorial Norma, 1998.

ELIAS, Norbert. *Mozart: A Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. *Norbert Elias Por Ele Mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador Vol. 1: Uma História dos Costumes* (1939). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011 a.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador Vol. 2: Formação do Estado e Civilização* (1939) . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011 b.

ELIAS, Norbert. *Teoria Simbólica*. Oeiras: Celta Editora, 1994.

Obras de Sigmund Freud

FREUD, Sigmund. *A Divisão do Ego nos Processos de Defesa* (1940). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *A Sexualidade na Etiologia das Neuroses* (1898). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer* (1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Cinco Lições de Psicanálise* (1910). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo* (1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id* (1923). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *O Futuro de Uma Ilusão* (1927). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização* (1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu* (1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. *Três Ensaios Sobre Sexualidade* (1905). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *Um Estudo Autobiográfico* (1925). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Bibliografia Geral

ADORNO, Theodor. *Lições de Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2004.

ALMEIDA, Jorge de & BADER, Wolfgang (Orgs). *O Pensamento Alemão no Século XX*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud y las Ciencias Sociales*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *O Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRAUSTEIN, Nestor & FUKS, Betty. *100 Anos de Novidade. A Moral Sexual ‘Cultural’ e o Nervosismo Moderno, de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.

DRASSINOWER, Abraham. *Freud’s Theory of Culture: Eros, Loss and Politics*. New York: Rowman and Littlefield Publishers, 2003.

ENRIQUEZ, Eugene. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FIGUEIRA, Sérvulo. *O Contexto Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

FROMM, Erich. *A Missão de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. São Paulo: Círculo do Livro, 1955.

GAY, Peter. *Freud, Uma Vida Para Nosso Tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GEBARA, Ademir. *Conversas Sobre Norbert Elias – Depoimentos Para uma História do Pensamento Sociológico*. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2005.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de Interação – Ensaio Sobre o Comportamento Face a Face*. Petrópolis: Vozes, 1967.

HAROCHE, Claudine. *A Condição Sensível*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

- HEINICH, Nathalie. *A Sociologia de Norbert Elias*. Bauru: EDUSC, 1997.
- HELLER, Sharon. *Freud A to Z*. New Jersey: Wiley, 2005.
- KEHL, Maria Rita. *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LACAN, Jacques. *O Seminário – Livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LANDMAN, Patrick. *Figuras do Saber: Freud*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Le BON, Gustave. *Psicologia das Multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEÃO, Andréa Borges. *Norbert Elias e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MEZAN, Renato. *A Conquista do Proibido*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- MEZAN, Renato. *Freud: a Trama dos Conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- NASIO, Juan-David. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- NASIO, Juan-David. *Lições Sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- NASIO, Juan-David. *O Prazer de Ler Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- NETTO, Geraldino Alves Ferreira. *Doze Lições Freud e Lacan*. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud*. São Paulo: Artmed, 2007.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROAZEN, Paul. *Freud: Pensamento Político e Social*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *Em Defesa da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- RUITENBEEK, Hendrik (Org). *Psicoanálisis y Ciencias Sociales*. Mexico D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1978.
- SAID, Edward. *Freud e os Não Europeus*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- SAFATLE, Vladimir & MANZI, Ronaldo (Orgs). *A Filosofia Após Freud*. São Paulo: Humanitas, 2008.

SOUZA, Paulo César de. *As Palavras de Freud – O Vocabulário Freudiano e suas Versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TARDE, Gabriel. *As Opiniões e as Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZABLUDOVSKY, Gina. *Norbert Elias y los Problemas Actuales de la Sociología*. Mexico D.F.: Fondo de Cultura Economica, 2008.

ZIMERMAN, David. *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. São Paulo: Artmed, 2009.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade. 2 Vol.* Brasília: Editora UnB, 2009.

Notas

¹ O Mal-Estar na Civilização, p. 60.

² O Mal-Estar na Civilização, p. 78.

³ O Futuro de uma Ilusão, p. 16.

⁴ No sentido weberiano, o próprio ‘monopólio da violência’ é essencial para essa coerção externa. Norbert Elias também atentou a isso já em “A Sociedade de Corte”. (ELIAS, 1933).

⁵ O Mal-Estar na Civilização, p. 90.

⁶ O Mal-Estar na Civilização, p. 59. Em “O Processo Civilizador”, vemos que uma das principais preocupações dos manuais de bons modos, está na relação dos sujeitos com o seu corpo, numa normatização que ditava que o sujeito civilizado, é o sujeito limpo, ordeiro.

⁶ Em “O Eu e O Isso” (FREUD, 1923) estabelece o que ficou conhecido como ‘Segunda Tópica’, a divisão da psique em três estamentos: Eu, Isso, Supereu. Esse Supereu é “(...) a sede da auto-observação, o depositário da consciência moral”. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 745).

⁷ Por mais que na obra de Elias, mesmo nas edições mais recentes, use-se o termo ‘Superego’, resolvemos adotar, para nosso texto, a tradução feita por Paulo César de Souza, da obra de Freud, do alemão para o português (Ich/Eu; Uberich/Supereu; Es/Isso). Sobre essa tradução ver: Paulo César de Souza. “As Palavras de Freud – O Vocabulário Freudiano e Suas Versões”. Nas transcrições de trechos da obra de Norbert Elias serão mantidos os termos “Ego”, “Id” e “Superego”.

⁸ “Norbert Elias por Ele Mesmo”, p. 73

⁹ Dois fatos na história acadêmica de Elias comprovam isso. Primeiro ainda acerca da sua tese de doutoramento. Com seu orientador não concordando com as ideias de Elias da historicidade da mente: “Honigswald declarou simplesmente que aquilo era falso. Sem apresentar razões que eu considerasse convincentes, exigiu que modificasse meu trabalho, afirmando que não podia aceitá-lo naquele estado. Fincamos pé em nossas respectivas posições — posições que ainda hoje defendo —, até o momento em que me foi necessário admitir que seu poder era maior que o meu. Suprimi as passagens mais explícitas, aliviei algumas outras, depois enviei-lhe esse produto podado, que ele aceitou sem dizer nada, e foi assim que me tornei doutor em filosofia pela Universidade de Breslau”. (ELIAS, 2001, p.101). Um outro ponto que chama atenção é que na primeira obra de Elias, “A Sociedade de Corte” (ELIAS, 1933), ainda não há nenhuma menção à Freud ou a Psicanálise.

¹⁰ A Psicanálise Freudiana ajudou a moldar as abordagens psicossociais de outros autores como Theodor Adorno, Hebert Marcuse.

¹¹ O termo valência, Elias toma emprestado da Química e volta a aprofundar o uso do termo na obra “Introdução a Sociologia” (ELIAS, 1970).

¹² “Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil”, Thomas Hobbes, 1651.

¹³ Essa é, segundo Elias, a grande mudança da sociedade feudal, para as monarquias nacionais absolutistas.